

PERCEPÇÕES SOBRE A ESCOLA ENTRE ALUNOS DO ENSINO MEDIO EM SANTARÉM, PARÁ

SETTON, Maria da Graça – USP – gracaset@usp.br

GT: Sociologia Educação / n.14

Agência Financiadora: FAPESP

O objetivo desta reflexão é compreender as diferentes percepções que os alunos do ensino médio da cidade de Santarém tem a respeito da escola. A intenção é analisar o lugar que esta instituição ocupa em suas vidas, suas expectativas em relação a ela, como avaliam seus professores e o conhecimento que ela disponibiliza. Importa interpretar qual a percepção que os jovens têm sobre o aprendizado que a escola transmite. Enfim, pretende-se desenvolver uma análise compreensiva sobre a importância da matriz de cultura escolar a fim de observar sua capacidade de construir um *habitus*, categorias de pensamento e julgamento nos jovens pesquisados, que como veremos desfrutam de condições materiais e espirituais de existência muito distintas.

Os dados aqui analisados referem-se a 398 questionários aplicados, em setembro de 2005, aos alunos do ensino médio de duas escolas, uma pública (101 – anexo da Escola Dom Tiago Ryan no distrito de Alter do Chão, Santarém) e outra privada (297- Escola Dom Amando), na cidade de Santarém, Pará. Trata-se também do resultado parcial de uma investigação que ainda está em curso que contou com um trabalho de observação e entrevistas semi-estruturadas com 28 alunos destas mesmas escolas. O critério de seleção dos entrevistados obedeceu ao interesse em investigar tipos sociais diferenciados baseando-se nas variáveis sexo, cor, religião e ocupação e instrução paterna/materna.

Posto isto, seria oportuno partir do arcabouço teórico de Pierre Bourdieu a respeito das diferenças de herança cultural dos sujeitos investigados. Considerando que o sistema escolar, como força formadora de *habitus*, é responsável pela transmissão de um conjunto de esquemas fundamentais que permite abordagens diferenciadas no tocante as práticas e representações sociais, considerando que a escola é também uma fonte de legitimação de valores que a sociedade moderna como um todo consagra, considerando ainda que no contexto social estudado, pode-se encontrar dois tipos de instituições que se diferenciam pela mensagem e pelo público que as frequenta, escolas públicas e privadas, pode-se inferir portanto que o resultado dessas ações pedagógicas, ou seja, o processo de escolarização destes grupos, tem todas as chances de ser diferenciado.

Parto do pressuposto que existiria uma correspondência entre hierarquias sociais e hierarquias escolares entre os alunos desta pesquisa. Aqueles mais bem dotados de capital econômico e capital cultural seriam aqueles com maiores chances de valorizar a cultura escolar. No limite, poderia argumentar que os alunos da escola privada, relativamente mais ricos em capital econômico e capital cultural teriam mais chances de contarem com a escola como uma forte matriz de cultura, fonte de disposições de um *habitus* cultivado.

Vale considerar que em relação à instrução dos pais e mães dos alunos da escola pública, apenas 1% deles completaram o nível superior e 4% tiveram acesso mas não o terminaram. 51% dos pais só frequentaram oito anos de estudos e 9% completaram o ensino médio. Em relação às mães, um pouco mais escolarizadas, 59% delas estudaram até a oitava série e 20% chegaram até o ensino médio (11% não completaram os três anos de curso). Em relação à instrução das mães dos alunos da escola privada observa-se que estas são mais escolarizadas. 33% chegaram ao nível superior, mas apenas 18% obtiveram diploma de conclusão, 36% estudaram até o ensino médio enquanto que apenas 32% dos pais chegaram até este nível de ensino e 30 % chegaram a frequentar cursos universitários, sendo que somente a metade chegou à diplomação.

Portanto, seria esperado que os pais dos jovens da escola privada permitissem que seus filhos dedicassem um tempo a atividades de formação intelectual, artística e esportiva. Longe das preocupações com a sobrevivência estes alunos vivenciam o período da adolescência, “*no sentido verdadeiro, isto é, da irresponsabilidade provisória: estes jovens estão numa espécie de **no man’s land** social, são adultos para algumas coisas, são crianças para outras, jogam nos dois campos*” (Bourdieu, 1983:114).

Ao contrário, a realidade dos alunos da escola pública está bem distante desta. Frequentadores do curso noturno passam a maior parte de seus dias no trabalho ou na procura dele. Quase 70% dos jovens de trabalham em funções de baixa qualificação. Grande parte deles desenvolve uma multiplicidade de ocupações, vendo-se forçados a uma adaptação à sazonalidade de ofertas na construção civil, no plantio de uma pequena roça ou ainda atendendo ao turismo local numa variedade de serviços. A maioria tem origem em lares com baixa escolaridade bem como 54% já repetiram alguma série escolar. Pode-se induzir, portanto, que as experiências, as trajetórias, as expectativas em relação ao presente

e ao futuro possuem todas as chances de concretizarem vivências e representações na esfera da escola bastante distintas.

Assim, cumpre lembrar que toda relação pedagógica é uma relação de comunicação. A mensagem comunicativa, mais propriamente o conjunto de valores culturais proposto pela escola, depende da posse prévia dos instrumentos de apropriação, indispensáveis para o êxito da comunicação. O sistema de ensino supõe que para um máximo aproveitamento pedagógico é necessário que os agentes sujeitos ao aprendizado detenham os meios para apreender os códigos dessa comunicação. Se existe um descompasso entre a competência cultural exigida pela escola e a competência cultural apreendida na família, o que se verifica é que o sistema escolar tende a reforçar as distinções de capital cultural de seu público. Convertendo hierarquias sociais em hierarquias escolares, a escola tende a perpetuar a estrutura da distribuição do capital cultural, reproduzindo e legitimando as desigualdades entre os grupos sociais.

Por outro lado, a escolha em fazer uma análise sociológica no contexto social da região norte brasileira responde a preocupações teóricas e empíricas de observar as formas de articulação entre duas realidades sócio-culturais que convivem no Brasil do século XXI. A diversidade dos tempos históricos que se combinam nesta configuração incorpora a cultura popular e oral que pouco ou nada tem de moderno; mas incorpora também efetivas relações sociais racionais e secularizadas que anunciam uma hibridização de cultura em desencontros de tempos, de ritmos e de possibilidades múltiplas de comportamentos. Segundo Martins (2000), nossas desigualdades sociais são também nossos descompassos históricos em relação ao que já é real em outras partes, que nos chega fragmentaria e incompletamente. Assim, os usos do tradicional no moderno trazem para o cotidiano essa duplicidade, esse duplo e contraditório modo de ser e de pensar. Aqui os tempos históricos estão mesclados e confundidos no dia a dia como estão confundidos e invertidos os estilos cognitivos dos diferentes mundos que demarcam nossa vida social.

Apropriando-me das idéias deste autor poderia afirmar que uma dessas culturas encontra-se em uma das regiões mais periféricas do país, tradicional em sua configuração, tendo como referência possível a cidade de Santarém, que proporcionalmente sempre se mostrou muito longe da realidade moderna vivida em localidades de maior desenvolvimento no Brasil. No tocante a esta formação social escolhida, é sabido que com

índices de desenvolvimento humano baixos, com história, especificidades de ocupação e cultura bastante particular apresenta ser espaço privilegiado para se investigar as percepções sobre a escola, instância de socialização ali ainda em processo de universalização.

Baseando-me nas considerações de Pereira de Queiroz (1978) e Martins (2000), afirmaria que numa mesma formação global – a brasileira – os estilos de vida tradicional e/ou moderno poderiam ser concomitantes no tempo e no espaço. Ou seja, numa mesma formação social pode se encontrar arranjos heterogêneos de realidades, variando o grau de hegemonia de cada um deles, formando, portanto, a sociedade global brasileira, complexos sincréticos.

Mais especificamente, creio que as realidades menos desenvolvidas ou de economia rural, como a cidade de Santarém, nunca poderão ser estudadas por si mesma, mas devem ser encaradas como parte de um conjunto social mais amplo, do qual fazem parte, ou seja, a sociedade brasileira. Penso também que admitir que uma cidade vive em um contexto urbano ou rural não quer dizer que a maioria de sua população encontra-se em uma localidade ou outra. Isto dependerá do grau de independência econômica e cultural, ou seja, do grau de industrialização e o estilo de vida que sua população usufruem.

O Estado do Pará conta com 143 municípios e Santarém é sua segunda maior cidade. Pertencente a um Estado em que grande parte do território apresenta baixa densidade demográfica, a cidade destaca-se entre todas elas. Seguido de longe da capital Belém com aproximadamente 1.300.000 habitantes, a cidade de Santarém, no censo de 2004, apresentava 272.237 habitantes. A posição geográfica em que se encontra parece ter favorecido seu crescimento. Entre duas grandes capitais da Amazônia, Manaus e Belém, na confluência de dois grandes rios, altamente navegáveis, Amazonas e Tapajós, Santarém sempre foi um entreposto comercial de amplitude regional.

Este Estado destaca-se também por se constituir em uma das maiores reservas de água do planeta. Grande parte dos aglomerados populacionais, vilas ou municípios construíram ao longo de sua história uma civilização fluvial. A cidade de Santarém segue esta tradição. O homem santareno, sua cultura, história bem como seu universo de símbolos se definiram e se definem em função das águas. Se em outras regiões o clima é representado pelo frio ou pelo calor, no Pará, e em Santarém são as águas, as enchentes e as

vazantes, que delimitam as atividades do trabalho, o cotidiano e certamente as representações sobre o mundo de sua população (Monteiro, 2005). Neste contexto os contatos com o modo de vida dos grandes centros urbanos são ainda restritos. Ainda que nos anos cinquenta do século passado tenha se investido na construção de rodovias, ou nos governos militares grandes projetos tenham sido prioridade federal, ou mesmo mais recentemente incorporações multinacionais tenham se instalado na região, observa-se um estilo de vida preso a uma economia rural. É possível observar que o uso tecnológico intenso em algumas destas atividades não possibilitou a estruturação de um sistema de ensino formador de quadros.

No entanto, o desenvolvimento do comércio e da pequena indústria bem como as atividades do setor de serviços transformaram o perfil da população de Santarém ao longo dos anos. Neste quadro de intensas demandas e expectativas de crescimento local a escola passou a ser uma nova necessidade. O êxodo rural se fez presente, trazendo uma população com esperanças de uma vida cidadina. Desta forma, seria de se esperar que a escola desde os anos 60 do século passado, representasse uma promessa de futuro melhor, ou seja um espaço de socialização e controle familiar frente aos desafios do universo urbano (Colares, 2005).

Segundo a bibliografia o período de maior pressão por vagas na rede pública de ensino ao longo dos governos militares, em Santarém, coincide com a fase do milagre econômico brasileiro. Não preparado para esta realidade, o atendimento escolar por parte da rede pública não conseguiu acompanhar a demanda gerada tanto no ensino primário como no ginásial. Além do problema de falta de vagas, havia também a falta de professores. Vale salientar, no entanto, que se na década de 60 a maioria dos alunos matriculados na zona urbana do município de Santarém encontrava-se na rede particular (55%), formada basicamente por escolas confessionais, na década de 80 os números se invertem, pois verificamos uma proporção bem maior (71%) de estudantes na rede pública. Segundo estudiosos locais o período dos anos 80 foi o ápice das políticas desenvolvimentistas em Santarém (Colares, 2005).

Do total da população de Santarém, 37% estão freqüentando escolas e 6% não têm instrução. Em 2003, o município apresentava 68.131 (25%) matrículas no ensino fundamental, sendo grande parte dela oferecida pela rede municipal, 47.873 (70%). Em

relação ao ensino médio o registro é de 20.103 (7,4%) matrículas, grande parte oferecida pela rede estadual. Entre os residentes de Santarém, grande parte, 42% tiveram no máximo sete anos de estudo; apenas 23% tiveram oportunidade de estudar mais de oito anos. Ou seja, dados que configuram baixos níveis de escolaridade e a raridade da cultura escolar.

Atualmente, Alter do Chão é um dos distritos do município de Santarém e está localizado a 34 km do centro da cidade: é considerada oficialmente como zona rural. A vila tem uma população calculada em torno de 2.000 pessoas. Mais recentemente, seu potencial turístico tem movimentado uma intensa atividade econômica. O contato com gente de fora, ainda que favoreça a circulação de valores modernos levando a muitos a procurar alcançar melhores níveis de escolaridade e aumentar potencialmente a qualidade de vida de suas famílias, introduz novos valores contribuindo também para que parte da população da vila, despreparada para acompanhar o desenvolvimento proporcionado, acabe por ser atraída para a marginalidade.

O *habitus* escolar

Sabe-se o quanto é difícil determinar, em consenso, as funções educativas da escola. Não obstante, para transmitir conteúdos a escola precisa reestruturar e reorganizar os saberes. Precisa desenvolver métodos de transposição didática, pois a transmissão não é direta. Precisa se armar de dispositivos mediadores da aprendizagem. E nesta transposição acaba por impor disposições cognitivas específicas. Saberes e modos de configurar e organizar o julgamento em um modelo que podemos designar como um modelo escolar de pensamento. Pode-se afirmar que a escola é então responsável pela produção de uma cultura, uma dinâmica de organização cognitiva que lhe é própria. O trabalho pedagógico da escola espera, em tese, que o indivíduo incorpore esquemas operatórios, disposições do pensamento, categorias de análise específicas, propriamente escolares. Clareza, organização, criticidade e hierarquização dos saberes são alguns elementos formais que espelham esta forma de produzir conhecimentos a partir de insistentes exercícios de reflexão e articulação de conteúdos.

Desta feita a escola é produtora e criadora de configurações cognitivas e de formas de pensar originais – um verdadeiro *habitus* na conceituação de Bourdieu - que lhes dão

uma certa especificidade. Em outras palavras, a transposição didática e sua rotinização acadêmica são responsáveis por uma relação com o conhecimento que exigem exercícios mentais complexos, derivados de mecanismos operatórios comparativos e de sínteses, próprios ao ambiente escolar. Neste sentido, este *habitus* escolar, fruto de uma seleção e transposição a partir de um *corpus* de cultura específico, faz da escola uma instituição autônoma, matriz de saberes singulares, produtora de formas típicas de atividade intelectual que habilitam os indivíduos a partilhar formas de raciocínio característicos.

Não obstante, os contextos de escolarização estudados, não se apresentam lineares e estão distantes de um quadro não contraditório. Na cidade e na vila seria possível inferir que em se tratando de formações sociais com baixos índices de escolarização e sobretudo com pouca tradição na cultura letrada, a probabilidade da escola estar servindo a um processo de secularização, ou seja, as possibilidades da escola estar difundindo um estilo de vida e racionalidade cidadianas seriam mais acentuadas do que o verificado nos centros urbanos há muito familiarizados com ela. Assim, considerando que grande parte de sua população ainda não teve acesso aos bancos escolares temos todas as chances de identificar uma séria discrepância entre o universo cultural familiar e o universo cultural escolar.

Percepções sobre a escola

Construí um instrumento de pesquisa que abordasse as percepções que os jovens têm sobre seu processo de aprendizagem e a imagem que construíam sobre os três sub-grupos de ensino, professores, funcionários e administradores que acompanham este trajeto de escolarização. Não obstante, a fim de melhor qualificar e ponderar sobre as informações quantitativas coletadas por este instrumento, foram feitas algumas entrevistas com jovens de ambas as escolas. A tarefa de articular informações, interpretá-las tem sempre o risco de ser parcial, portanto não pode ser vista como definitiva. Não se procura aqui então a verdade, apresento apenas algumas considerações que sempre estarão sujeitas a outras avaliações.

A maior parte dos jovens que estudam no anexo da escola pública, são homens, 53% e 45% são mulheres. 40% têm mais de 19 anos, bem distante da idade esperada para este nível de ensino. No entanto, 47% se encontram entre os 15 e 18 anos. Uma parcela não

desprezível já se encontra casada, 12% e 18% já experimentam a realidade da paternidade. Portanto, configuram-se como jovens com trajetórias pouco lineares.

Bem mais da metade, 68%, trabalham e desempenham atividades que não exigem muita qualificação, ou seja, desenvolvem atividades domésticas, serviços de manutenção e limpeza. Em relação à renda auferida, parte deles, 30%, gasta com despesas pessoais e 33% participam do orçamento familiar. 38% de suas famílias dividem o orçamento com até cinco pessoas. 80% deles são pardos ou morenos. 45% de seus pais e 49% de suas mães ocupam cargos funcionais, ou seja, trabalhadores com qualificação elementar. Sem dúvida, o grupo pesquisado se assemelha em muito com dados gerais da realidade das regiões mais periféricas.

Não obstante, para os estudantes da escola privada Dom Amando encontramos uma realidade bastante diferente. Aqui as mulheres parecem ser maioria. 53% dos alunos do sexo feminino e 46% do masculino. 95% se encontram na faixa etária adequada ao nível de ensino, pois possuem entre 15 a 18 anos. 90% estão solteiros e 97% não têm filhos. 87% nunca passaram por uma experiência de reprovação escolar. 33% são brancos e 52% são pardos ou morenos. Estatísticas muito próximas aos índices de escolaridade de segmentos privilegiados nos centros urbanos.

Em relação às atividades fora da escola, diferentemente de seus colegas da escola pública, 92% não trabalham, só estudam. Os poucos que trabalham gastam a renda com despesas pessoais. A renda familiar é dividida em até cinco pessoas, segundo 69% deles. 28% dos pais ocupam cargos de chefia, administração de serviços ou comércios de médio e grande porte e 12% com ocupações de nível técnico. Parecem ser pequenos empregadores ou empregados especialistas. 16% das mães são donas de casa, ou desempenham igualmente como seus cônjuges cargos de chefia, administração de serviços ou comércio, 16%. Algumas são educadoras, ou desempenham atividades de nível técnico.

O contexto da escolarização entre eles é também distinto. Entre os jovens da Dom Amando, 76% só tiveram experiência em instituições privadas enquanto que para seus colegas de Alter do Chão os índices se invertem, ou seja, 85% só freqüentaram estabelecimentos públicos. Os motivos da escolha da escola a se cursar também expressam maneiras diferentes de se relacionar com o projeto escolar. Enquanto 62% dos alunos da Dom Tiago optaram por ela devido à proximidade de suas casas, 90% dos estudantes da

Dom Amando elegeram-na pela qualidade do ensino. A tradição de rigor e seriedade desta escola remonta há muitas gerações. Segundo depoimentos, seus pais decidiram a favor deste estabelecimento pois muitos também estudaram lá. Valeria considerar, não obstante, que o fator proximidade da escola apontado pelos estudantes de Alter não se reduz somente ao baixo comprometimento com o projeto escolar. Dada a distância de 34km entre a vila e Santarém, as despesas de transporte, o cansaço de um trajeto de praticamente duas horas de ida e duas de volta, bem como a preocupação de alguns pais de não acompanharem de perto o ambiente escolar a ser freqüentado pelas filhas podem responder melhor esta opção.

Sobre as percepções a respeito da escola algumas informações são relevantes. Perguntados sobre o que mais gostam nesta instituição, ambos os grupos de alunos se dispersaram em múltiplas respostas. Entretanto é significativo que os alunos da escola privada elejam prioritariamente a convivência com seus colegas, 26%; 18% declararam gostar do conhecimento proporcionado por ela e 12% suas atividades esportivas. Já em relação a seus colegas de Alter do Chão o prioritário para 20% deles é o conhecimento divulgado pela escola, 19% disseram gostar de seus professores e apenas 17% elegeram seus colegas como sendo a parte mais interessante da escola. Estes últimos, paradoxalmente, parecem desenvolver uma maior docilidade cultural enquanto que os outros parecem ser mais resistentes à proposta instrucional da escola. Arriscando uma resposta, talvez para os alunos da Dom Amando a escola não passe de um espaço que dá continuidade ao fluxo de sua escolarização enquanto que seus colegas da instituição pública a escola represente a convivência com um tipo de conhecimento e saber que não encontram com facilidade em seu meio social. É como se os jovens de Alter do Chão encontrassem no ambiente escolar a promessa de uma vida menos limitada, uma porta para um futuro menos sujeito aos imprevistos da garantia da sobrevivência.

Por outro lado, ainda que bastante dispersos em suas respostas na questão o que menos gostam na instituição escolar, 27% dos alunos da Dom Amando declararam não gostar dos funcionários, 13% reclamaram do ensino proporcionado e 12% criticaram seus professores. Diferentemente, no que se refere aos alunos da Dom Thiago, o item que apresenta concentrar maior descontentamento está no espaço físico da escola, 25% e 18% reclamaram também dos funcionários. Vale comentar que 22% dos alunos desta escola não responderam a esta questão sinalizando talvez um descontentamento geral a aspectos

administrativos da escola já que no trabalho de campo foi observado a ausência de funcionários e espaços condizentes com o trabalho pedagógico de nível médio.

Como já verificado em uma série de estudos que investigam as percepções dos alunos frente a escola, a maior motivação em freqüentar esta instituição se encontra na crença em um futuro promissor. 67% dos alunos da Dom Amando se sentem motivados a freqüentar a escola pois estão investindo em um projeto de futuro enquanto uma porcentagem maior, 77% dos alunos da escola pública manifestaram a mesma motivação. Ambos os grupos declararam freqüentá-la devido aos conhecimentos proporcionados por ela (15% na Dom Amando e 14% na Dom Tiago). Neste sentido, se uma ampla bibliografia aponta a valorização da escola como uma mediadora de planos de realização profissional, parte dela registra um certo desencantamento dos jovens sobre estas possibilidades. Neste particular interessa considerar que entre os alunos aqui investigados a crença na escola como uma promessa de futuro parece ser permanente e generalizada. Tanto para os alunos da escola pública como para os da escola privada esta instituição ainda se constitui na porta de acesso a realização de planos de carreira e estabilidade econômica.

Para finalizar este item, vale ressaltar que 12% dos alunos da escola privada disseram freqüentar a escola por que valorizam a convivência com seus colegas. É curioso lembrar que nas entrevistas ao serem solicitados a descrever o que aprendiam na escola foi quase unânime entre os alunos o aprendizado das relações humanas. A escola, segundo eles é um espaço de convivência onde se adquire um conhecimento, um saber propriamente dito de como se relacionar com o outro, o diferente, saber respeitá-lo. Ainda que possamos problematizar este discurso e sua correspondência na experiência real dos alunos é interessante observar que ele se encontra tanto na escola pública com na escola privada. Cumpre salientar ainda que o aprendizado de conteúdos relativos as disciplinas escolares sempre foi lembrado como secundário frente a vivência de se relacionar com seus pares. Neste sentido, vale reiterar as considerações de Sposito (2005) de que a escola para estes jovens padece de uma contradição, isto é, ainda que seja percebida como uma necessidade em relação ao futuro, hoje carece de sentido.

Em relação às representações que possuem dos professores as informações são também bastante interessantes. Conquanto diferentes, ambos os grupos consideram que os professores possuem firmeza e autoridade. Ou seja, uma porcentagem expressiva, 76% dos

alunos da escola pública parecem ver em seus professores figuras sérias e dignas de respeito enquanto uma porcentagem bem menor de colegas da escola privada, 58% têm, a mesma opinião. Independente da escola frequentada os jovens concordam que os professores são respeitosos para com eles, pois 86% em ambas as escolas assim o disseram e parecem satisfeitos com empenho destes. 78% dos alunos da Dom Amando e 85% dos alunos da Dom Tiago declararam que seus professores são dedicados. Dando continuidade a imagem que fazem de seus mestres, ambos os grupos afirmaram que seus professores não são indiferentes (81% nos dois casos). Perguntados se consideravam seus professores distantes em relação a eles, pode-se observar um certo descontentamento por parte dos alunos pesquisados. Isto é, 27% dos jovens da escola pública consideram seus professores distantes e 22% de seus colegas de Santarém assim o afirmaram. Neste item caberia um comentário. Dado a o histórico da qualidade do atendimento do anexo da escola Dom Tiago estas declarações parecem soar contraditórias. Ou seja, embora com a ausência de aulas ou no melhor dos casos a pouca regularidade de seus professores em sala de aula, observa-se que os alunos de Alter do Chão, no geral, parecem estar satisfeitos com o desempenho dos professores. Estariam inibidos em responder suas reais considerações sobre seus professores? Estariam habilitados a opinarem sobre a prática professoral? Vale acrescentar que consultados sobre a competência de seus professores 80% dos alunos da escola Dom Tiago não responderam e 52% de seus colegas da Dom Amando também não se sentiram à vontade em emitir uma opinião.

Para finalizar este item valeria observar que os alunos também são capazes de fazer uma autocrítica. Perguntados sobre como avaliam o interesse dos alunos em relação a escola poucos foram os que manifestaram um entendimento favorável. Em outras palavras, 11% apenas dos jovens da Dom Amando avaliam positivamente e uma parcela considerável avaliou criticamente (69% regular e 19% péssimo) o interesse dos alunos pela escola. Já os alunos de Alter do Chão ainda que críticos com a própria postura, pois 44% consideram o interesse regular e 9% péssimo, avaliam melhor seus colegas pois 33% consideram que os alunos têm interesse pela escola.

No tocante ao trabalho pedagógico desenvolvido por estas instituições, cumpre apresentar alguns aspectos interessantes. Embora saibamos das diferenças de projetos educativos e empenho do corpo docente das escolas pesquisadas chama atenção também o

alto grau de satisfação de seus alunos. Ou seja, se de um lado os alunos da Dom Amando demonstram estar mais satisfeitos com a forma com que os conteúdos são transmitidos, os alunos da Dom Tiago não fogem muito deste comportamento. Mais especificamente perguntados sobre se a escola propõe discussões sobre a atualidade, 68% dos alunos da escola privada disseram que sim e 55% dos alunos da escola pública assim também concordaram; ou solicitados a responder se os conteúdos disponibilizados pelas disciplinas estabelecem relações com o cotidiano, 53% dos estudantes da Dom Amando assim afirmaram e 49% dos estudantes da Dom Tiago também concordaram com esta assertiva.

No que se refere aos aspectos administrativos da escola a percepção dos alunos também se revela interessante. Isto é, confirmando uma postura mais condescendente dos jovens da escola pública, 55% deles estão satisfeitos com o trabalho da direção da escola, 30% avaliam como regular e apenas 1% declarou péssimo. Por outro lado, 40% dos alunos da escola privada consideram bom o trabalho de direção, 37% regular e 21% consideram-na péssima. Estas respostas também podem causar certo estranhamento pois conhecendo o histórico das dificuldades dos anexos escolares, o nível de satisfação dos alunos de Alter do Chão parece contraditório.

No tocante à liberdade de expressão observa-se que os alunos de Santarém continuam ser mais exigentes. Apenas 26% consideram-na boa em contraposição a 54% de seus colegas de Alter. A liberdade de expressão concedida pela escola parece ser portanto um valor mais estimado pelos alunos da Dom Amando pois 43% deles avaliaram ser regular e 29% disseram ser fraca a liberdade vivida dentro da instituição. Perguntados se os professores eram autoritários, ainda que a grande maioria das duas escolas tenha dito que não (66% na Dom Amando e 75% na Dom Tiago), uma porcentagem significativa de alunos da escola privada declararam diferente, ou seja, 26% deles disseram que os professores abusam da autoridade. Sobre a forma como são respeitados pelos professores, funcionários e direção alunos da Dom Amando parecem ser mais críticos. Assim enquanto 33% dos jovens de Alter consideram regular ou fraco este quesito 53% dos jovens de Santarém declaram não estar satisfeitos com a forma como são tratados. Confirmando o grau de insatisfação com a administração / direção de suas escolas 85% dos estudantes da escola privada crêem que a instituição não considera a opinião dos alunos enquanto que uma porcentagem bem inferior de alunos da escola pública assim avaliam, 52%.

No item convivência entre os alunos o grau de satisfação aparenta ser mais acentuado. 50% dos alunos de Alter consideram bom enquanto uma porcentagem maior de alunos da escola privada, 66%, assim avaliaram. Sobre a atenção e respeito dos funcionários das escolas novamente os alunos da Dom Amando parecem ser mais exigentes. Em outras palavras, 35% e 10% consideram o tratamento regular ou péssimo, respectivamente, enquanto uma porcentagem bem menor de alunos da escola pública declararam insatisfeitos, ou seja, 26% consideram regular e apenas 5% consideram péssima as relações funcionários e alunos.

Sobre o item de como a escola resolve as tensões entre alunos, entre professores e alunos e problemas pessoais discentes, foi possível observar um maior descontentamento entre os jovens que frequentam a escola privada. Ou seja, as tensões entre os alunos segundo eles não são bem conduzidas pela administração pois 43% avaliaram regular e 24% fraca este quesito. Já 30% e 26% de seus colegas de Alter são da opinião que a escola tem uma postura regular e ou fraca, respectivamente, na experiência de gerir conflitos. Nos embates entre professores e alunos, apenas 33% dos jovens estudantes da Dom Amando consideram que a escola faz um bom trabalho e uma porcentagem bem superior, 45% de seus colegas da escola pública são desta opinião. Vale ressaltar que ainda que se veja diferenças entre as opiniões do corpo discente destas escolas é possível afirmar que existe um certo grau de descontentamento em ambas pois 65% e 45% de alunos da Dom Amando e da Dom Tiago, respectivamente, fazem críticas a forma de gestão das relações entre os dois principais subgrupos de ensino destas instituições.

Considerações Finais

Ainda que nos últimos anos o crescimento das matrículas do ensino médio tenha se mantido com uma certa regularidade ainda temos uma porcentagem bastante elevada de jovens fora dos bancos escolares na região Norte. Como se sabe, se a média nacional dos indicadores de educação não é boa, a situação fica ainda pior no Norte e no Nordeste, se agravando entre pretos e pardos, no meio rural e entre os mais pobres. Realidades híbridas que exprimem, como diria Martins (2000), nossa modernidade inconclusa.

Não obstante, os alunos pesquisados neste estudo podem espelhar, de uma certa forma, as desigualdades encontradas em termos nacionais. Isto é, bom aproveitamento

escolar convivendo com altas taxas de repetência. Acesso a processos de escolarização diferenciados, como se viu, revela ainda que a máxima proposta por Bourdieu (1979) sobre a correspondência entre hierarquias sociais e hierarquias escolares ainda é uma realidade no contexto em questão. A inserção relativamente precoce de jovens no universo da escolarização e o estilo de vida nela preconizado, bem como a familiaridade com planos de continuidade nos estudos, ou experiências opostas a estas, de fato, parecem contribuir, como foi visto, para a construção de distintas categorias do julgamento por parte dos jovens.

Se o objetivo desta reflexão foi o de compreender as diferentes percepções que os alunos do ensino médio têm a respeito da escola, se a intenção foi analisar o lugar que esta instituição ocupa em suas vidas, suas expectativas em relação a ela, como avaliam seus professores e o conhecimento que ela disponibiliza é certo que obtive informações relevantes. Ou seja, se o empenho foi desenvolver uma análise compreensiva sobre a importância da matriz de cultura escolar a fim de observar sua capacidade de construir um *habitus*, em outras palavras, categorias de pensamento e julgamento nos jovens pesquisados, é possível afirmar também que o objetivo foi parcialmente alcançado.

Isto é, consultados sobre a forma como avaliavam o contexto de suas escolarizações observei que os alunos da escola privada não só se diferenciaram pois apresentaram ter um discurso mais crítico/reflexivo a respeito deste espaço de socialização, sobretudo se diferenciaram dos colegas da escola pública por terem expressado em suas avaliações um corpo de conceitos que os habilitaram a julgar com maior desembaraço e competência esta experiência.

Concordando mais uma vez com Bourdieu (1983), a pesquisa em questão supôs que todos poderiam ter uma opinião. Em outras palavras, acreditou-se que a produção de uma opinião estaria ao alcance de todos os alunos investigados. Assim parti do pressuposto de que os diferentes grupos colocados diante de um questionário sobre a vida escolar se caracterizariam pela probabilidade de terem uma opinião, e tendo uma opinião, uma probabilidade condicional, de segunda ordem de terem uma opinião positiva ou negativa.

Todavia, as diferenças encontradas nos tipos de resposta nos grupos investigados me levaram a perguntar sobre os fatores que determinam os jovens interrogados a responder diferentemente cada uma ou se abster de responder algumas delas.

Segundo Bourdieu, uma pessoa responde ao que se é demandado de acordo com sua posição na hierarquia da estrutura social. Ou seja, se o problema colocado não se constitui como um fato de interesse, se não se sentem motivados e/ou em condições de opinar sobre eles, fala-se pouco sobre. Em outras palavras, têm-se muito mais opiniões sobre um problema quando se está mais interessado ou envolvido por ele, quando se tem mais consciência das suas implicações ou se percebe com competência para opinar.

Assim a probabilidade de responder a uma pergunta objetivamente está ligada a um conjunto de variáveis muito parecidas àquelas que determinam o acesso à cultura. Isto é, ao construir o argumento de uma resposta, é preciso ser capaz de aplicar a este argumento categorias propriamente reflexivas, aprendidas previamente, que podem ser mais ou menos adequadas, mais ou menos refinadas segundo experiências de socialização anteriores.

Portanto, a primeira condição para se responder adequadamente uma questão é ser capaz de construí-la enquanto uma questão de interesse, que expresse certa inserção e percepção da sociedade. As questões despertam mais reflexividade, quando elas se referendam em uma cultura específica, apreendida anteriormente, ou seja, quando revelam uma forma de envolvimento e/ou conhecimento sobre aquela realidade. Dito de outra forma, as representações ou percepções sobre um universo investigado – a escola - estão relacionadas à posição que os sujeitos ocupam no espaço social, correspondem à uma certa localização na estrutura de poder (material e simbólica) como também estão correlacionadas com o nível e ou tipo de instrução de cada um dos respondentes.

Em síntese, tudo leva a crer que a trajetória social e escolar diferenciada entre os alunos pesquisados ofereceu formas distintas de se avaliar a situação em que se encontram. Grande parte dos alunos da escola privada ao revelarem ser mais críticos e exigentes, demonstraram também, segundo o raciocínio acima, ter recorrido a um *habitus* lógico propriamente escolar. Mais do que isto, se sentiram habilitados e em condições de avaliar e opinar sobre suas práticas escolares. Ou seja, parecem ter usufruído melhor das categorias reflexivas disponibilizadas pelos exercícios escolares do pensamento, demonstraram por em uso uma postura relativa a sua posição no espaço social, bem como demonstraram uma disposição/interesse em fazer abstrações sobre a realidade de suas socializações escolares.

Por outro lado, expressando um comportamento distinto, uma parcela significativa de alunos da escola pública, responderam as indagações da pesquisa a partir do princípio de

um *ethos de classe*, ou seja, princípios próximos a uma realidade concreta, moral, pouco familiarizada com a escola. Um *habitus* configurado em condições bastante distantes do universo escolar não permitiu abstrações ou críticas mais contundentes mesmo quando a precariedade da realidade escolar vivida possibilitava. Como se viu, a recorrência de posturas pouco críticas e/ou reflexivas foi muito expressiva entre eles ainda que o contexto de escolarização ficasse a desejar.

Caberia então uma última pergunta. Poderia atribuir estas diferenças aos processos de escolarização distintos?

Tudo leva a crer que sim. Se o objetivo desta reflexão foi compreender o alcance e o limite da matriz de cultura escolar a fim de observar sua capacidade de construir um *habitus*, ou seja, categorias de pensamento e do julgamento nos jovens pesquisados, é possível afirmar que alcancei parcialmente este intento. Neste estudo, pude perceber que a escola faz diferença, foi capaz de instrumentalizar lógicas de julgamento, foi capaz de oferecer um universo de símbolos que não se reduziu ao instrucional, mas sobretudo que se traduziu em uma postura em relação ao mundo e a questões que envolvem a reprodução da posição dos grupos sociais.

Bibliografia

- BOURDIEU, Pierre, (1983). *Questões de Sociologia*. Ed. Marco Zero. Rio de Janeiro.
- ___ (1979), *La distinction: critique sociale du jugement*. Ed. Minuit. Paris.
- COLARES, Anselmo Alencar. (2005), *A história da educação em Santarém das origens ao fim do Regime Militar (1661-1985)*. Gráfica Vitória Régia. Santarém.
- MARTINS, José de Souza. (2000), As hesitações do moderno e as contradições da modernidade no Brasil. In *A sociabilidade do homem simples – cotidiano e história na modernidade anômala*. Ed. Hucitec, São Paulo, pp. 17-54
- MONTEIRO, Benedito, (2005). *História do Pará*. Editora Amazônia. Belém.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. (1978), *Cultura, Sociedade Rural, Sociedade Urbana no Brasil*. Ed. LTC/Edusp, São Paulo.
- SPOSITO, Marília, (2005) Algumas reflexões e muitas indagações sobre as relações entre juventude e a escola no Brasil. In *Retratos da Juventude Brasileira*. Org. Abramo, Helena e Branco, Pedro Paulo M.) Ed. Perseu Abramo, São Paulo.